

Entrevista com o professor Antonio Fernando Navarro. Físico, Matemático, Engenheiro Civil, Engenheiro de Segurança do Trabalho, professor do curso de Ciências Atuariais da Universidade Federal Fluminense, Mestre em Saúde e Meio Ambiente, tendo atuado em atividades industriais de Gerenciamento de Riscos por mais de 30 anos em seguradoras e para o IRB Brasil Re como Perito de grandes sinistros.

Entrevista com o professor Antonio Fernando Navarro. Físico, Matemático, Engenheiro Civil, Engenheiro de Segurança do Trabalho, professor do curso de Ciências Atuariais da Universidade Federal Fluminense, Mestre em Saúde e Meio Ambiente, tendo atuado em atividades industriais de Gerenciamento de Riscos por mais de 30 anos em seguradoras e para o IRB Brasil Re como Perito de grandes sinistros.

Editora Roncarati: A que o senhor, como professor de cursos de formação de engenheiros de segurança do trabalho atribui o desastre que se abateu sobre a população Gaúcha de Santa Maria?

Antonio Fernando Navarro: No momento informar-se o que causou a tragédia, que ceifou mais de duas centenas de jovens estudantes, que fariam parte do nosso futuro, pode ser prematuro.

Não temos as informações técnicas suficientes e os especialistas estão coletando os dados necessários, principalmente aqueles relativos à polícia civil, que irá ser importante na apuração das responsabilidades.

Todavia, pelo que se lê nos jornais e se vê nos noticiários das televisões, pode-se afirmar que essa, assim como todas as outras que ocorreram em ambientes semelhantes e em várias partes do mundo, foi uma tragédia pré-anunciada.

Editora Roncarati: Por que o senhor afirma ser uma tragédia pré-anunciada?

Antonio Fernando Navarro: Em primeiro lugar, baseando-nos em declaração de um coronel bombeiro do Rio Grande do Sul, o local tinha menos do que 700 m

2

e, conforme algumas pessoas, encontravam-se no local cerca de 1.500 pessoas. Para um local com 700 m

2

, que poderia comportar com segurança até 400 pessoas, uma porta com a largura da apresentada nos noticiários poderia ser suficiente.

O excesso de pessoas, a precariedade dos materiais empregados na decoração, alguns altamente combustíveis, a falta de uma correta sinalização e outras questões mais de caráter normativo, já seriam suficientes para se afirmar que o risco era iminente.

Editora Roncarati: Qual deveria ser o procedimento de evacuação do local naquelas circunstâncias?

Antonio Fernando Navarro: Uma boate é um local normalmente escuro, com iluminação direcionada. Na hora do show, muitos estavam prestando atenção à banda que se apresentava, outros conversavam e o restante circulava pelo local. Na hora que um incêndio começa, atingindo materiais combustíveis que liberam fumaça tóxica, pega a todos de surpresa. A bebida deixa as pessoas com as reações mais lentas. A fumaça tira a visão plena do local. A iluminação que não é geral dificulta os deslocamentos.

Associando-se a surpresa com a baixa visibilidade devido à fumaça e à iluminação local de um ambiente com cores escuras nas paredes, a desocupação ideal seria aquela onde funcionários da boate, atuando como brigadistas e com lanternas nas mãos poderiam direcionar as pessoas para a porta, que teria que estar plenamente aberta. O pânico que muitas pessoas passam a ter nesses momentos faz com que suas reações sejam imprevisíveis. Os funcionários da boate deveriam estar preparados para isso.

Editora Roncarati: O senhor acha que casos como esse podem se repetir?

Antonio Fernando Navarro: Certamente, já que existem em nosso País centenas de estabelecimentos iguais ao de Santa Maria. Normalmente são locais de médio porte, praticamente sem janelas, pintados internamente com tintas de cores escuras, com o emprego de madeira como elementos decorativos e outros materiais facilmente afetados pelo fogo. Nesses locais um dos quesitos menos importantes para os frequentadores e mesmo para os proprietários é para com as questões de segurança. Por exemplo, cita-se a ausência de hidrantes no local. Como esse equipamento seria operado em um momento como aquele, no qual não havia nem espaço físico para se desenrolar as mangueiras e nem conectá-las? Fala-se que não havia sprinklers. O dispositivo é eficaz quando a sensibilidade do elemento sensor, o bulbo de vidro, absorve o calor vindo de baixo. Se o incêndio se propaga pelo forro ou entre forro o sistema não é eficaz. Fala-se também da falta de extintores. daquelas quase 1.500 pessoas quantas teriam algum tipo de treinamento para apagar os princípios de incêndio usando os extintores? Como esses heróis iriam se deslocar com o ambiente lotado, com mais de 4 pessoas por m²?

Editara Roncarati: Então, em sua opinião nada então seria adequado?

Antonio Fernando Navarro: Não disse isso. Todo o dispositivo de combate a incêndios ou a princípios de incêndios não é adequado se não for empregado por pessoas que não tenham a capacitação necessária. Para que sejam adequados os proprietários deveriam ter funcionários que seriam os brigadistas nessas ocasiões. O item mais importante seria o emprego de sensores de fumaça, conectados a portas automáticas, onde, com o incremento da fumaça as portas seriam abertas imediatamente e também entrariam em ação exaustores de fumaça.

Editara Roncarati: Como o senhor avalia essa tragédia em um momento em que o País se prepara para receber delegações de todas as partes do mundo para eventos esportivos?

Antonio Fernando Navarro: Vejo-a com uma enorme preocupação. Não podemos afirmar hoje que tenhamos local onde poderão ficar centenas ou milhares de pessoas 100% seguros. Quando digo isso acrescento os hotéis e pousadas, centros de eventos, teatros, escolas, igrejas, ambientes universitários, estádios de futebol, ginásios desportivos, entre tantos outros locais.

As normas de segurança em vigor apresentam sempre as exigências mínimas. Se as larguras

dos corredores devem ser de no mínimo 120 centímetros por que não podemos estabelecer larguras maiores? Por que as fileiras de poltronas dos cinemas e teatros têm que ser longas com vinte ou trinta cadeiras? Por que não podem ser menores, com oito cadeiras, e com corredores entre essas filas? Por que não pode ser obrigatório que existam pelo menos duas saídas, com no mínimo 120 cm de largura para todo e qualquer local que abrigue 300 ou mais pessoas? Por que não se obrigam os locais a terem luzes de emergência com faroletes que direcionem a população para as rotas de saída?

Já tive a oportunidade de ver em hotéis de luxo caixa de hidrantes sem mangueiras, rede de sprinklers (chuveiros automáticos contra incêndio) sem água, ou seja, sem pressurização, detectores de calor ou de fumaça com os painéis de alarme desligados. Também já tive a oportunidade de ver extintores com danos provocados pelos próprios usuários do local, como por exemplo, inserindo palitos nas saídas das mangueiras de extintores de água-gás.

Quando fomos inspecionar o local onde seria montado o primeiro Rock in Rio, na década de 80, nossa preocupação ia além, incluindo a substituição dos espelhos dos banheiros, de vidros por finas lâminas plásticas coladas nas paredes, de modo que os expectadores, em brigas não quebrassem os vidros e cortassem pessoas, da mesma maneira que nos preocupávamos com o estado geral das instalações elétricas, não somente as que ficavam nas torres de andaimes com as caixas de som e os projetores de luz. Naquele local foram instalados três chafarizes, com bacias ao redor. Nossa preocupação se voltou também para a altura que as muretas de contenção de água deveriam ter de modo que uma pessoa bêbada que caísse em seu interior não se afogasse.

Editora Roncarati: O senhor gostaria de acrescentar algo a mais?

Antonio Fernando Navarro: Sim. Inicialmente lamentar as perdas e as dores daqueles que ficaram. Depois de dizer que nosso País, assim como todos os demais do mundo, possui farta legislação, que não foi redigida por neófitos e sim por especialistas. Se há normas, porque essas não são cumpridas? Porque temos sempre a visão míope de cumprir o mínimo exigido? Nesses momentos, onde a preocupação passa do individual para o coletivo é que se percebe que o investimento em segurança é nada diante das centenas de pessoas mortas ou mutiladas. O que poderíamos dizer às centenas de famílias que perderam seus filhos na tragédia? Que um Alvará estava vencido? Talvez não seja a frase correta. O correto seria dizer que efetivamente eventos que isoladamente não significam muita coisa quando associados redundam em centenas de vítimas. Ocorreu o despreparo da Nação, do Estado e do Município, para a tragédia, a ponto de envolver a Nação como um todo para se obter as doações de sangue, de peles, de água e gelo, enfim, do que era necessário para o atendimento às vítimas.

Ocorreu o inesperado para a cidade e para aqueles que têm por dever fiscalizar o cumprimento da Lei: houve um acidente. Podemos dizer também que temos que olhar para nós mesmos e avaliar o quanto se tem de problemas ao nosso redor, seja em nossos lares, com os descuidos na rede elétrica e no gás, em nossos prédios, com problemas os mais diversos, em nossos trabalhos, enfim, terminamos por ver coisas que são erradas como se fossem naturais, já que existem na lanchonete onde comemos e na sala onde trabalhamos. Temos o dever de encarar os problemas e resolvê-los, e não deixa-los para trás de modo que gerações futuras saiam mais cedo de junto de nós. Não podemos, em hipótese nenhuma, ver algo errado e não denunciar. Não podemos deixar que fiscais deixem de fiscalizar e que os donos das boates deixem de investir em segurança dos usuários, para não perderem seus lucros.

Que Deus, em sua infinita misericórdia tenha compaixão de todos e receba aqueles que se foram antes de nós.
